

A PRÁTICA GEOMORFOLÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR.

Cerveira, A.¹; Muller, J.²

¹UFSM/RS *Email:* angelacerveira@hotmail.com;

²UFSM/RS *Email:* joanamullerprofessora@gmail.com;

RESUMO:

O estudo do meio está cada vez mais arraigado no contexto escolar e se faz necessário uma prática de ensino diferenciada onde possa desenvolver conceitos e habilidades, especialmente na Geografia. Esta produção é resultado de aplicações pedagógicas na educação básica que se destacaram como um importante material para estimular os alunos no interesse pela Geomorfologia.

PALAVRAS CHAVES:

Geomorfologia; Relevo; Ensino

ABSTRACT:

The study of the environment is increasingly ingrained in the school context is necessary and a practice of differentiated instruction which can develop concepts and skills, especially in Geography. This production is the result of pedagogical applications in basic education that stood out as an important material to stimulate students interest in the Geomorphology.

KEYWORDS:

Geomorphology; relief; education

INTRODUÇÃO:

A geografia possibilita uma percepção e compreensão do mundo e das relações nele existentes onde é possível refletir a respeito de como os acontecimentos interferem no cotidiano e como a sociedade pode com ela interagir, a fim que formem cidadãos conscientes e informados sobre o mundo ao qual se faz parte. O entendimento dos fenômenos naturais e sociais não é exclusividade da Geografia, porém aborda a interação entre sociedade e natureza por meio da materialização dessa relação no espaço. Lacoste, (1996, p. 186) afirma: O ensino de geografia é justamente o interesse crescente e não o desinteresse para o que se passa no mundo - o que determina, em grande parte, as dificuldades dos professores de geografia. Sem dúvida, no caso da geografia, a relação pedagógica veio a ser transformada, pois o mestre não tem mais, como outrora e como ainda acontece com outras disciplinas, o monopólio da informação. (...) hoje, mestre e alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas, caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas geografia de qualquer forma. O ensino está assim, necessita-se fazer a relação com o meio. Pois quando a Geografia é entendida somente como um conjunto de termos a serem memorizados, acaba por perder-se a sua essência. Existe então, a necessidade de refletir sobre o que pretende-se ensinar para

explicar o COMO, o QUÊ, PARA QUÊ e POR QUE ensina-se. A partir da realidade objetiva-se que os alunos ocupem um lugar na vida democrática que saibam fazer escolhas e compreendam o lugar em que vivem. Para que isso ocorra, é preciso desenvolver uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar um significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Também é fundamental optar por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, estudando a partir de situações do cotidiano e relacionando o conhecimento aprendido para analisar a realidade.

MATERIAL E MÉTODOS:

Este trabalho baseia-se nas aplicações didáticas em sala de aula na disciplina de Geografia com alunos das turmas de sexto e sétimo ano do ensino fundamental em duas escolas municipais em Santo Antônio da Patrulha e uma em Glorinha - RS - Brasil. Inicialmente foram expostas por material audiovisual as diferentes formas do relevo brasileiro, em especial ao do Rio Grande do Sul e fazendo referência aos relevos presentes no meio. Os alunos utilizaram o laboratório de informática para a análise de imagens por satélite envolvendo a Geomorfologia desde o macro ao micro espaço físico. Como este trabalho está ligado ao estudo do meio, foi proporcionada uma saída a campo nas proximidades da escola para a observação dos relevos, como também ao Cânion Itaimbezinho - RS. A partir da teoria X prática estudada e vivenciada, os alunos construíram diferentes maquetes sobre os relevos. Todo este processo de aprendizagem foi coletado e transformado em vídeo para futuras aprendizagens. a-Exposição do material audiovisual sobre o relevo: Em um primeiro momento foi disponibilizado aos alunos um material audiovisual explicativo sobre as diferentes formas do relevo brasileiro, apresentam-lhes: planalto, planícies, serra, depressão, escarpa, tabuleiro, vale, montanha, morro, chapada, monte. E a partir deste e de explicações orais pelas professoras foram construídos conceitos sobre cada um dos itens citados acima, quais suas formas e características, o que eles reconheciam de seu cotidiano. b-Confecção de maquetes A partir dos estudos realizados, foi proposto aos alunos à confecção de uma maquete para representar o relevo, utilizando diversos materiais didáticos. c-Produção audiovisual pelos alunos Concluída as etapas de análise do relevo e confecção do mesmo, a proposta apresentada aos alunos foi que montassem uma apresentação oral expositiva sendo a mesma filmada para posteriormente construir vídeos explicativos sobre o relevo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir das saídas a campo aos arredores das escolas, ao Cânion Itaimbezinho, confecção de maquetes sobre os relevos, e construção dos vídeos pelos alunos foi possível constatar que os mesmos ao observar as paisagens conseguem diferenciar e classificar as formações sobre os diferentes relevos existentes. Durante a saída a campo no município de Santo Antônio da Patrulha e Glorinha os alunos observaram e classificaram os relevos que formam a localidade onde estudam bem como as relações interpessoais presentes. Alguns relataram sobre os processos antrópicos que moldaram a estrutura do solo, destacaram também os meios exógenos que permeiam e modificam o

lugar. Muito chamou a atenção dos alunos ao desmatamento das áreas verdes e a inserção cada vez mais rápida, e muitas vezes imprópria, da ocupação humana e transformação do meio natural. Na saída a campo ao Cânion Itaimbezinho (Figura 1) foi notório a grande alegria dos alunos, pois estavam em outro ambiente que por muitas vezes viam este lugar nos livros, revistas e televisão. Essa saída fez compreender melhor o processo de formação do relevo por seus derrames basálticos ao longo do tempo. Essas saídas a campo proporcionaram uma maior reflexão, não somente aos alunos, mas aos professores. Lessan (2009) ressalta que o trabalho em campo possibilita ao aluno vivenciar o teórico de forma concreta, cabendo ao professor ter consciência da necessidade de adequá-lo ao nível de seus alunos. Portanto, as saídas a campo favorecem um amplo conhecimento e compreensão de forma mais prazerosa aos alunos com a interferência do professor para mediá-los. Assim a teoria reflete na prática de trabalho levando o aluno a gostar e se aproximar cada vez mais da Geografia e em específico da Geomorfologia. Em relação à confecção de maquetes a partir da modelagem sobre os relevos, os alunos não somente reproduziram o espaço vivido, mas identificaram, representaram e também construíram noções básicas de cartografia, pois estes necessitaram da ampliação e redução de escalas para uma melhor representação no qual possibilitaram uma visão mais crítica da realidade. Castrogiovanni (2006 p. 126) ressalta que: não é possível aprendermos sobre o espaço somente com figuras penduradas em sala de aula e com livros didáticos que apresentam conotações de locais específicos. A análise da realidade social através da escola só é possível quando respeitamos o imaginário, a fantasia, a identidade, a origem, as particularidades, inclusive as subjetividades de quem aprende. No entanto ao trabalhar com estas metodologias, os alunos ultrapassaram os limites da sala de aula, conheceram, imaginaram, reproduziram os conteúdos norteadores que serviram de base para o processo de ensino aprendizagem. O mesmo aconteceu com a construção dos vídeos, eles registraram o que foi importante para a assimilação, filmaram e fotografaram alguns relevos existentes. Logo, uniram esses registros com a teoria e montaram vídeos explicativos, assim o conteúdo foi trabalhado de forma satisfatória com a participação dos docentes. Portanto é importante o uso e estímulo de práticas educativas diferenciadas para um melhor aprendizado. Levar ou ir até o meio no qual os alunos estão inseridos possibilita uma maior integração com o ambiente local para que se relacione com o global. Assim, Castellar (2010) retrata que ao estudar o lugar de vivência é vincular-lhe questões presentes em várias escalas de análise e permitir a associação criativa e referenciada na experiência concreta, de evidente maior capacidade de transmissão e fixação de conhecimentos.

Figura 1



Saída a campo ao Cânion Itaimbezinho/RS com os alunos.

Figura 2



Alunos na montagem de maquete sobre os relevos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Geomorfologia nas aulas de Geografia se torna essencial o trabalho de forma diferenciada, pois promove o contínuo interesse pelas relações e interações no espaço geográfico a partir do estudo do meio. Ensinar e estudar Geografia a partir da realidade vivida possibilita uma melhor compreensão do ensino-aprendizagem, porque os docentes assimilam e relacionam os conceitos de forma exemplificada e dinâmica. Com um olhar diferenciado sobre o espaço e a compreensão de diversos fatores que moldam e interferem no relevo, os alunos se tornam críticos em relação aos processos estruturais do solo, refletindo sobre os meios exógenos, antrópicos que modificam a paisagem, como também no desmatamento das áreas verdes e a apropriação inadequada nesses ambientes.

AGRADECIMENTOS:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria do Ensino Fundamental – SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Brasília, 1996.
CASTELLAR, Sônia. VILHENA, Jerusa. Ensaio de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. & COSTELLA, R. Z. Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio (org). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LACOSTE, Yves. A Geografia – Isso serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra. São Paulo: Papirus, 1976.

LESANN, Janine. Geografia no Ensino Fundamental I. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MARIEU, Philippe. Aprender sim, mas como?. Porto Alegre: Artes Médias, 1998.